

# Viagens da Saudade

## **Coordenação**

Maria Celeste Natário

Paulo Borges

Luís Lóia

## **Organização**

Cláudia Sousa

Nuno Ribeiro

Rodrigo Araújo

Porto

2019

FICHA TÉCNICA

**Título: Viagens da Saudade**

Coordenação: Maria Celeste Natário  
Paulo Borges  
Luís Lóia

Organização: Cláudia Sousa  
Nuno Ribeiro  
Rodrigo Araújo

Editor: Universidade do Porto. Faculdade de Letras

Ano de edição: 2019

ISBN: 978-989-8969-26-2

DOI: <https://doi.org/10.21747/978-989-8969-26-2/viag>

URL: <https://ler.letras.up.pt/site/default.aspx?qry=id022id1671&sum=sim>

Paulo Borges\*

**“Ai eu, coitada! – como vivo/ en gran cuidado – por meu amigo/ que ei alongado!”. Coita amorosa, descentramento e saudade nos cancioneiros**

**Resumo:** A análise das relações íntimas entre amor e saudade nos Cancioneiros medievais galaico-portugueses indica que ambos conspiram numa fenomenologia do descentramento erótico do sujeito, por vezes associada à experiência da comunhão numa totalidade cósmico-divina ou à aspiração a ela.

**Palavras-chave:** amor, saudade, Cancioneiros, divindade, cosmos.

**“Ai eu, coitada! – como vivo / en gran cuidado – por meu amigo / que ei alongado!”.**

**Passionate suffering, self-decentering and saudade in medieval Galician-Portuguese Songbooks**

**Abstract:** The analysis of the intimate relations between love and *saudade* in Galician-Portuguese mediaeval Songbooks shows that they conspire in a phenomenology of the erotic decentering of the subject, sometimes associated with the experience of a communion in a cosmic-divine totality or the longing for it.

**Keywords:** love, longing, Songbooks, divinity, cosmos.

---

\* Departamento de Filosofia da Universidade de Lisboa; Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa. E-mail: pauloaborges@gmail.com

A análise das relações íntimas entre amor e saudade nos Cancioneiros medievais galaico-portugueses indica que ambos conspiram numa fenomenologia do descentramento erótico do sujeito. Antes de o mostrar na leitura e diálogo hermenêuticos com os textos, cabe todavia destacar que é isso mesmo que parece inscrever-se já na originalidade formal das cantigas de amigo, em que os trovadores masculinos se empenham em colocar-se no lugar das mulheres e expressar verbalmente os seus sentimentos amorosos, como se fossem efectivamente elas a fazê-lo. Como nota Stephen Reckert, “é notável no cancionero de amigo [...] o empenho concertado de uns cem poetas, ao longo de quase cento e cinquenta anos, na empresa comum de imaginarem as palavras que a *donna* diria se fosse ela a fazer os versos” e assim “assumirem uma *persona* e uma voz femininas”. Notando ser o primeiro exemplo de tal na literatura ocidental (pois na China composições semelhantes remontam já ao século IV), interpreta-o como “um esforço colectivo e aturado para escapar ao cárcere sufocante do eu, sentido como identidade sexualmente definida”<sup>788</sup>. Sublinhamos esta aspiração de se emancipar da determinação psicobiológica do “eu”, que recorda os versos pessoanos: “Sou um evadido. / Logo que nasci / Fecharam-me em mim, / Ah, mas eu fugi”<sup>789</sup>. Eduardo Lourenço também nota esta “originalidade”, a par de outra, adiante destacada, e que nos parece afim, a do surgimento do lirismo amoroso na “intimidade” com a “Natureza”, como características que mostram a procedência das cantigas de amigo de uma “fonte mais arcaica” que as “canções de amor, de origem borgonhesa ou provençal”, “e sem exemplo noutras culturas neolatinas”<sup>790</sup>. O travestimento ou mudança de *persona* sexual, com o que implica de imaginar-se outro, numa antecipação do *outrar-se* e da heteronímia pessoanos, é afim ao descentramento erótico do sujeito de si mesmo para o outro, humano e não-humano, por via da coita amorosa e saudosa, contrastando com o ensimesmamento narcísico e a erosão do outro que, com a inerente depressão e agonia de Eros, marcam a situação contemporânea<sup>791</sup>.

Carolina Michäelis de Vasconcelos, que relaciona a saudade com o sentimento do amor ferido pela ausência, encontra o sentimento saudoso pré-tematicamente presente na composição do rei D.

---

<sup>788</sup> Cf. Stephen RECKERT in Stephen RECKERT e Hélder MACEDO, *Do Cancioneiro de Amigo*, Lisboa, Assírio & Alvim, 1996, 3ª edição, corrigida e aumentada, pp. 28-29.

<sup>789</sup> Cf. Fernando PESSOA, *Obras*, I, introduções, organização, bibliografia e notas de António Quadros e Dalila Pereira da Costa, Porto, Lello & Irmão – Editores, 1986, p. 316.

<sup>790</sup> Cf. Eduardo LOURENÇO, “De la Poésie Portugaise”, in *Obras Completas. III – Tempo e Poesia*, coordenação e introdução de Carlos Mendes de Sousa, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2016, p. 677.

<sup>791</sup> Cf. Byung-Chul HAN, *A Agonia de Eros*, tradução de Miguel Serras Pereira, Lisboa, Relógio D’Água, 2014, pp. 9-11; *Id.*, *La Expulsión de lo Distinto*, tradução de Alberto Ciria, Barcelona, Herder, 2017.

Sancho, o Velho<sup>792</sup>, em que a amiga associa o viver “en gran cuidado” ao “desejo” por seu amigo “alongado” (distante) da sua vista na Guarda:

Ai eu, coitada! – como vivo  
en gran cuidado – por meu amigo  
que ei alongado! – muito me tarda  
o meu amigo – na Guarda!

Ai eu, coitada! – como vivo  
en gran desejo – por meu amigo  
que tarda, e non vejo! – muito me tarda  
o meu amigo – na Guarda!<sup>793</sup>

A experiência implícita e pré-temática da saudade – Eduardo Lourenço nota bem que “antes de ser pensada, a saudade foi cantada”<sup>794</sup> - surge assim associada à coita e ao cuidar amorosos, vividos como doloroso deslocamento e exacerbação da memória e atenção vitais para um ser amado ausente e distante, que polariza e agudiza o pensamento e o desejo em direcção a alguém que se não vê e cujo regresso se anseia e espera, o que converte a passagem do tempo em factor de crescente insatisfação. A coita, do verbo latino *cogere*, com os sentidos de reunir e congregar e de obrigar e constranger, faz-se sentir como movimento que busca o encontro ou reunião com quem se ama e que se padece na medida em que ainda o não consegue, sem disso desistir. A coita, que também assume o sentido de um “motivo” ou “diligência que causa angústia”, como numa cantiga de Dom Dinis<sup>795</sup>, é aqui sobretudo a coita da paixão amorosa, que torna *coitado* ou *coitada* os seus sujeitos, que deste modo são verdadeiramente *sujeitos*, enquanto submissos a um movimento que os domina, conduzindo-os ou mesmo arrebatando-os para algo que os transcende e se lhes escapa. Na coita amorosa e erótica, cuja abissal fenomenologia psicológica é argutamente poetizada pelo Rei-Trovador – e que convém aprofundar para conhecer o original contexto experiencial onde surge a saudade –, o bem, o sentido da vida, o prazer de viver, ou o folgar, bem como o próprio domínio do juízo e do pensar (o “sen”), dependem de se ver o amigo ou amiga, cujo valor se

---

<sup>792</sup> Cf. Carolina Michaëlis de VASCONCELOS, *A Saudade Portuguesa*, Aveiro, Livraria Estante Editora, 1990, p. 54.

<sup>793</sup> D. SANCHO, O VELHO, *Cancioneiro Colocci Brancuti*, nº 456, citado in *Ibid.*, p. 54. Cf. também *Cancioneiro da Ajuda*, edição de Carolina Michaëlis de Vasconcelos, II, reimpressão da edição de Halle (1904), acrescentada de um prefácio de Ivo Castro e do glossário das cantigas (*Revista Lusitana*, XXIII), Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1990, pp. 593-594.

<sup>794</sup> “Avant d’être pensée, la *saudade* a été chantée” - Eduardo LOURENÇO, *Mythologie de la Saudade. Essais sur la mélancolie portugaise*, tradução de Annie de Faria, Paris, Éditions Chandeigne, 2017, p. 16.

<sup>795</sup> Cf. Dom DINIS, citado in Celso CUNHA, *Cancioneiro dos Trovadores do Mar*, edição preparada por Elsa Gonçalves, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1999, p. 264.

absolutiza ao ponto de surgir como todo o “bem” e de, na sua ausência, nada ser satisfatório ou gratificante:

Des que vos non vi, de ren  
non vi prazer e o sen  
perdi, mais, pois que mi aven  
que vos vejo, folgarei  
e veerei todo meu ben,  
pois vejo quanto ben ei.<sup>796</sup>

O dia em que a coita amorosa desponta, por via do ouvir falar e ver a amada, é assim um “grave dia”<sup>797</sup>, que coloca o viver e o morrer na dependência da presença ou ausência de quem se ama<sup>798</sup> e pode dar então lugar a uma “coita mortal”<sup>799</sup>, na qual se “viv’ em coita, coitado por morrer”<sup>800</sup>, num desejo em vida de morte que se sente como o “maior mal”<sup>801</sup>. Ainda no dizer de Dom Dinis, a “coita tan forte” em que vivem o amigo e a amiga no “gram desejo” (note-se a mesma expressão do rei D. Sancho) de se verem não lhes é “se non morte”, reduzindo-se a tal uma vida que, pela trágica separação dos amantes, se sente que mais valeria não existir (“non seer nada”) e conduz a sentir inveja dos que já morreram<sup>802</sup>.

Na verdade, a “fremosura” da amiga é algo que o amigo sente que lhe “faz gran mal sem mesura”<sup>803</sup>, no contexto de um rito erótico do olhar em que o homem, ao colocar “tan de coração” e “tan bem” os “seus olhos” na amiga, não pode mais ter prazer em coisa alguma senão em vê-la<sup>804</sup>. O serviço amoroso, esperado pela amiga, cumpre-se no “catar”, ou seja, procurar com os olhos os olhos da amada e também o seu “parecer”, o que significa o seu rosto, o seu aspecto ou

---

<sup>796</sup> Cf. Dom DINIS, *Cancioneiro da Vaticana*, 202, *Cancioneiro Colocci Brancuti*, 599, in José Joaquim NUNES, *Cantigas d’Amigo dos Trovadores Galego-Portugueses*, II, edição crítica acompanhada de introdução, comentário, variantes, e glossário, Lisboa, Centro do Livro Brasileiro, 1973, L, p. 50.

<sup>797</sup> Cf. *Id.*, *Cancioneiro da Vaticana*, 176, *Cancioneiro Colocci Brancuti*, 572, in José Joaquim NUNES, *Cantigas d’Amigo dos Trovadores Galego-Portugueses*, II, XXIV, p. 25.

<sup>798</sup> Cf. *Id.*, *Cancioneiro da Vaticana*, 166, *Cancioneiro Colocci Brancuti*, 563, in José Joaquim NUNES, *Cantigas d’Amigo dos Trovadores Galego-Portugueses*, II, XIV, p. 14.

<sup>799</sup> Cf. *Id.*, *Cancioneiro da Vaticana*, 178, *Cancioneiro Colocci Brancuti*, 574, in José Joaquim NUNES, *Cantigas d’Amigo dos Trovadores Galego-Portugueses*, II, XXVI, p. 27.

<sup>800</sup> Cf. *Id.*, *Cancioneiro da Vaticana*, 183, *Cancioneiro Colocci Brancuti*, 580, in José Joaquim NUNES, *Cantigas d’Amigo dos Trovadores Galego-Portugueses*, II, XXXI, p. 32.

<sup>801</sup> Cf. *Id.*, *Cancioneiro da Vaticana*, 184, *Cancioneiro Colocci Brancuti*, 581, in José Joaquim NUNES, *Cantigas d’Amigo dos Trovadores Galego-Portugueses*, II, XXXII, p. 33.

<sup>802</sup> Cf. *Id.*, *Cancioneiro da Vaticana*, 196, *Cancioneiro Colocci Brancuti*, 593, in José Joaquim NUNES, *Cantigas d’Amigo dos Trovadores Galego-Portugueses*, II, XLIV, pp. 44-45.

<sup>803</sup> Cf. *Id.*, *Cancioneiro da Vaticana*, 205, *Cancioneiro Colocci Brancuti*, 602, in José Joaquim NUNES, *Cantigas d’Amigo dos Trovadores Galego-Portugueses*, II, LIII, p. 53.

<sup>804</sup> Cf. *Id.*, *Cancioneiro da Vaticana*, 174, *Cancioneiro Colocci Brancuti*, 570, in José Joaquim NUNES, *Cantigas d’Amigo dos Trovadores Galego-Portugueses*, II, XXII, p. 23.

aparência exterior e a sua formosura, embora essa aproximação seja feita a partir do interior do amigo, do “coração”<sup>805</sup>. Se o amigo não cumprir esses preceitos, a amiga considera que ele perderá a razão e o poder de a “chamar senhor”<sup>806</sup>, palavra que significativamente no masculino se aplica a Deus e a Jesus Cristo e no feminino à amada do trovador, que no rito do amor cortês se assume como a sua soberana, sendo ele o seu vassalo, a exemplo das relações feudais<sup>807</sup>. Note-se aliás haver cantigas onde surgem expressões ambíguas, como “Por Deus Senhor”, num contexto que tanto se pode aplicar a Deus como à amiga<sup>808</sup> e no qual o trovador se queixa de, se a amiga o impedir de a ver, ele morrerá perdendo por ela quanto bem Deus do mundo lhe quisera dar<sup>809</sup>. Isto parece confirmar a tendência à heterodoxa divinização da mulher amada, que sabemos ter sido uma das orientações do erotismo trovadoresco e cortês<sup>810</sup>, onde por exemplo uma canção de Ponz de Chapeuil afirma que o fino amor da amada faz esquecer tudo, incluindo o próprio Deus, o que Rodrigues Lapa entende como uma experiência de “êxtase”, deslocado do contexto cristão para a absorção erótica na dama<sup>811</sup>. Na lírica galaico-portuguesa, que se destaca pela importância nela assumida pela mulher<sup>812</sup>, mais abundam ainda, segundo o mesmo autor, expressões heterodoxas, derivadas de uma concepção da “origem divina do amor”, sendo a beleza da amiga uma divina epifania, o que leva alguns trovadores a condenar a tomada de votos monásticos por parte das mulheres e a viver a coita amorosa como uma penitência enviada por Deus contra a qual e o qual, todavia, por vezes violentamente se revoltam em termos fortemente sacrílegos<sup>813</sup>. Noutra vertente,

---

<sup>805</sup> Cf. *Id.*, *Cancioneiro da Vaticana*, 175, *Cancioneiro Colocci Brancuti*, 571, in José Joaquim NUNES, *Cantigas d’Amigo dos Trovadores Galego-Portugueses*, II, XXIII, p. 24.

<sup>806</sup> Cf. *Ibid.*

<sup>807</sup> Cf. Celso CUNHA, *Cancioneiro dos Trovadores do Mar*, p. 284.

<sup>808</sup> Cf. Vasco PRAGA DE SANDIN e Carolina Michaëlis de VASCONCELOS, *Cancioneiro da Ajuda*, I, edição de Carolina Michaëlis de Vasconcelos, reimpressão da edição de Halle (1904), acrescentada de um prefácio de Ivo Castro e do glossário das cantigas (*Revista Lusitana*, XXIII), Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1990, 365, p. 717 e “Glossário do Cancioneiro da Ajuda”, p. 85.

<sup>809</sup> Cf. Vasco PRAGA DE SANDIN, in Carolina Michaëlis de VASCONCELOS, *Ibid.*, 365, p. 717.

<sup>810</sup> Sobre o amor cortês, cf., entre muitas outras obras: Denis de ROUGEMONT, *O Amor e o Ocidente*, Lisboa, Moraes Editores, 1968; ANDRÉ LE CHAPELAIN, *Traité de L’Amour Courtois*, introdução, tradução e notas de Claude Buridant, Paris, Éditions Klincksieck, 1974; Jacques ROUBAUD, *La Fleur Inverse. Essai sur l’art formel des troubadours*, Paris, Éditions Ramsay, 1986; Jean MARKALE, *L’Amour Courtois ou le Couple Infernal*, Paris, Éditions Imago, 1987; Octavio PAZ, *A Chama Dupla. Amor e Erotismo*, tradução de José Bento, Lisboa, Assírio & Alvim, 1995, pp. 57-74; René NELLI, *L’Érotique des Troubadours*, Toulouse, Éditions Privat, 1997.

<sup>811</sup> Cf. Rodrigues LAPA, *Lições de Literatura Portuguesa. Época Medieval*, Coimbra, Coimbra Editora, 1977, 9ª edição, revista e acrescentada, pp. 17-18.

<sup>812</sup> Cf. *Ibid.*, pp. 112-113.

<sup>813</sup> Cf. *Id.*, *Das Origens da Poesia Lírica em Portugal na Idade-Média*, Lisboa, Edição do Autor, 1929, pp.96-105.

há uma clara relação entre a alegria no amor, por se ter notícias do amado, e o rogar “a Deus de grado” pela sua presença<sup>814</sup>.

No que respeita à divinização da mulher note-se haver, ainda em Dom Dinis, uma cantiga na qual a amiga assume o seu domínio sobre o amigo, declarando não lhe mostrar “amor” nem “desamor”, por não querer que ele tenha nem “gran pesar, nem gran prazer”, concluindo: “non o quero guarir [curar], nen o matar, / nen o quero de mi desasperar”<sup>815</sup>. A mulher, como que assumindo a posição ortodoxamente atribuída à divindade na condução do relacionamento espiritual com os seres humanos, parece pretender manter o amigo num estado de tensão ascética do desejo, que pode entender-se como visando exacerbar o descentramento erótico de si mesmo e a sua depuração iniciática. Esta situação parece ser voluntariamente aceite pelo amante, que sabe que o seu “morrer” ou “viver” estão nas mãos da amiga, como na cantiga já referida que assim termina: “Ca de morrer ou de viver / sab’el ca x’ é no meu poder”<sup>816</sup>. Este “endurar” (sofrer) amoroso não é todavia exclusivo dos homens, havendo cantigas em que se estende à mulher, na iminência de ver o amigo partir<sup>817</sup>.

Na verdade o desejo amoroso, nos Cancioneiros, assume-se por vezes como processo voluntário de autodescentramento autosacrificial, suspendendo e invertendo o impulso ou móbil comum e mundano de trazer o outro para a esfera do sujeito, e de desesperar ou querer a morte quando isso não acontece, num exercício de o servir, mesmo que ele se mantenha distante e inacessível ou irredutível, dando-se mais sob o modo da ausência do que da presença. É o que encontramos numa cantiga de Paay Gómez Charinho, em que o trovador se demarca dos “muytos” que, padecendo uma “gram coyta d’amor”, declaram querer morrer para se libertarem de “coytas”. Ao contrário, professando desejar “muy gram bem querer” a sua “senhor”, ele não deseja “por ela morrer”, pois, além de não mais deste modo a ver, não mais lhe poderia prestar “bom serviço”. Por isso deseja “viver”, ainda que na “gram coyta d’amor” que muitos não suportam<sup>818</sup>. Na verdade, como vemos noutra cantiga, de Fernan Velho, o “mal” e a “gran coita” que o “Amor” “faz sofrer”, não só não

---

<sup>814</sup> Cf. Dom DINIS, *Cancioneiro da Vaticana*, 168, *Cancioneiro Colocci Brancuti*, 565, in José Joaquim NUNES, *Cantigas d’Amigo dos Trovadores Galego-Portugueses*, II, XVI, pp. 16-17.

<sup>815</sup> Cf. *Id.*, *Cancioneiro da Vaticana*, 162, *Cancioneiro Colocci Brancuti*, 569, in José Joaquim NUNES, *Cantigas d’Amigo dos Trovadores Galego-Portugueses*, II, XXXII, pp. 10-11.

<sup>816</sup> Cf. *Id.*, *Cancioneiro da Vaticana*, 166, *Cancioneiro Colocci Brancuti*, 563, in José Joaquim NUNES, *Cantigas d’Amigo dos Trovadores Galego-Portugueses*, II, XIV, p. 14.

<sup>817</sup> Cf. *Id.*, *Cancioneiro da Vaticana*, 179, *Cancioneiro Colocci Brancuti*, 575-576, in José Joaquim NUNES, *Cantigas d’Amigo dos Trovadores Galego-Portugueses*, II, XXVII, p. 28.

<sup>818</sup> Cf. Paay Gómez CHARINHO, *Cancioneiro*, II, in Celso CUNHA, *Cancioneiro dos Trovadores do Mar*, pp. 105-106.



são recusados, como são agradecidos à “Senhor”, à dama a que se presta serviço, “e a Deus que me vos deu por senhor”<sup>819</sup>. Notamos que este paradoxal comprazimento do desejo na ausência do desejado, como via ascética de o depurar pela sua intensificação rumo ao inapreensível, constitui um tema central em Luís de Camões.

O poder que tem a paixão amorosa de fazer perder o “sen”, ou seja, o juízo, confirma-se em várias composições, como por exemplo as de Estevam Fernandez d’Elvas, onde um dos temas é a possibilidade de a amiga ensandecer ou tornar “sandeu” (louco) o amigo. Numa delas, fica claro que a beleza ou o bom parecer da amiga é a causa de por ela o “sen” se perder, pois, ante a sandice do amigo, a sua “coita” e o risco da sua morte, ela expõe à mãe, que impede que os amantes se vejam, uma dupla estratégia para o curar: em primeiro lugar, deixar que o amigo a veja; se tal não resultar, e numa motivação compassiva de renúncia à satisfação do seu próprio desejo por amor do bem do amado, fazer-se “mal [...] parecer”, ou seja, afear-se, para que ele desensandeça e deixe de lhe querer bem<sup>820</sup>. É que o bom “parecer” da amiga, ou seja, a sua beleza, faz com que seja “gram dereito”, isto é, coisa muito justa e razoável, o amigo “morrer” por si<sup>821</sup>, vivendo como “coitado”, no “gran mal d’amor” em que não se experiencia “prazer nen sabor” senão onde estiver a amada, “u é todo seu cuidado”<sup>822</sup>. Note-se que o poder que a amada tem de fazer perder o “sen”, o juízo, será também um tema camoniano, num quadro que claramente o assume como inerente à natureza divina da beleza feminina.

A fenomenologia do “gran cuidado” e do “gran desejo” amoroso<sup>823</sup>, que é o terreno matricial da saudade, mostra assim uma absolutização do seu objecto, o ser amado, dependendo o sentido, o sabor e a felicidade da vida de se estar junto dele. Com o radical descentramento do sujeito amoroso, isto parece configurar uma vivência religiosa da experiência erótica, pela implícita divinização do seu objecto, que, de acordo com a linguagem evangélica, se converte no “tesouro”

---

<sup>819</sup> Cf. Fernan VELHO, Cantiga 263, in *Cancioneiro da Ajuda*, I, p. 514.

<sup>820</sup> “E el á perdido o sen por mi, / que lhi esta coita dei, madr’e senhor, / e guarria, ca mi-á mui grand’amor, / se me visse, e se non, des aqui / que me que[i]ra já mal, mal me farei / parecer e desensandece-l’ei” - Estevam FERNANDEZ D’ELVAS, *Cancioneiro da Vaticana*, 682, *Cancioneiro Colocci Brancuti*, 1091, in José Joaquim NUNES, *Cantigas d’Amigo dos Trovadores Galego-Portugueses*, II, LVII, p. 56. Cf. também *Ibid.*, LVI e LVIII, pp. 55-57.

<sup>821</sup> Cf. Dom DINIS, *Cancioneiro da Vaticana*, 194, *Cancioneiro Colocci Brancuti*, 591, in José Joaquim NUNES, *Cantigas d’Amigo dos Trovadores Galego-Portugueses*, II, XLII, p. 42.

<sup>822</sup> Cf. *Id.*, *Cancioneiro da Vaticana*, 193, *Cancioneiro Colocci Brancuti*, 590, in José Joaquim NUNES, *Cantigas d’Amigo dos Trovadores Galego-Portugueses*, II, XLI, pp. 41-42.

<sup>823</sup> Cf. D. SANCHO, O VELHO, *Cancioneiro Colocci Brancuti*, nº 456, citado em Carolina Michaëlis de VASCONCELOS, *A Saudade Portuguesa*, p.54. Cf. também *Cancioneiro da Ajuda*, II, pp. 593-594.

que retém o “coração”<sup>824</sup>, mesmo que à distância. Esta dimensão religiosa do amor humano e erótico avulta nas cantigas de amigo que exaltam a sua bondade, como acontece paradigmaticamente numa composição de Joan de Guilhade onde a amiga começa por louvar o “mundo” por todo o bem que nele Deus lhe fez, destacando o ser formosa, apreciável (“de mui bom prez”) e muito amada pelo seu amigo, acrescentando que tal amor, com o prazer e consolação (“lezer”) que lhe são inerentes, surge como a razão central do mundo terreno e sensível ser a melhor das coisas e benefícios por Deus concedidos, sendo nesse sentido, e enquanto nele os amigos e amigas viverem juntos, mais desejável do que o próprio “paraíso” pós-morte e supra-terreno<sup>825</sup>. A composição conclui mesmo por desejar que Deus nunca conceda nada no mundo a quem não tiver esta visão e não apreciar a vida terrena por estes motivos<sup>826</sup>. É também relevante a composição anterior, do mesmo autor, onde a amiga se indigna por o amigo haver passado por si e ter partido indiferente aos seus olhos, à sua bela forma física (o seu “bom talho”) e ao seu “bom parecer”, pelo que se insurge contra um mundo onde a beleza feminina e o amor entre os sexos não têm poder, pois nele o amigo já não quer bem à sua “senhor”. Um mundo assim, onde a estesia e a sensibilidade eróticas definham, é significativamente um mundo que, mais do que decadente, perde valor ontológico e se nadifica, sendo pela amiga considerado nulo, como se nada fosse (“non é ren”)<sup>827</sup>. Destaque-se esta valorização do mundo e da vida terrenos como o maior dos bens divinamente concedidos, enquanto lugar onde se realizam as possibilidades eróticas e amorosas da experiência humana, por aqui surgir uma visão alternativa à cultura eclesiástica urbana dominante na Idade Média, já desde há séculos acentuadamente orientada para uma desconsideração do corpo e para uma salvação supra-terrena.

Mas a dimensão mais profunda do amor e do erotismo humanos, e como veremos da saudade, deles inseparável, é entreaberta pela belíssima cantiga de Nuno Fernandes Torneol que começa

---

<sup>824</sup> “Lá onde está o teu tesouro, lá estará também o teu coração” – *Evangelho segundo Mateus*, 6: 21, in *Bíblia*, volume 1. *Novo Testamento. Os Quatro Evangelhos*, tradução do grego, apresentação e notas de Frederico Lourenço, Lisboa, Quetzal, 2018, 2ª edição, p. 80.

<sup>825</sup> “O paraíso bõo x’ê’ de pran, / ca o fez Deus, e non digu’eu de non, / mai-los amigos, que no mundo son, / [e] amigas muit’ambos lezer an: / aqeste mundo x’est a melhor ren / das que Deus fez a quen el i faz bem. // Querria-m’eu o parais’ aver, / des que morresse, bem come quen quer, / mais, poi-la dona seu amig’ oer / e com el pode no mundo viver, / aqeste mundo x’est a melhor ren / das que Deus fez a quen el i faz ben” - Joan de GUILHADE, in *Cancioneiro da Vaticana*, 345, *Cancioneiro Colocci Brancuti*, 743, in José Joaquim NUNES, *Cantigas d’Amigo dos Trovadores Galego-Portugueses*, II, CLXXVIII, p. 161.

<sup>826</sup> Cf. *Id.*, *Cancioneiro da Vaticana*, 345, *Cancioneiro Colocci Brancuti*, 743, in José Joaquim NUNES, *Cantigas d’Amigo dos Trovadores Galego-Portugueses*, II, CLXXVIII, p. 161.

<sup>827</sup> Cf. *Id.*, *Cancioneiro da Vaticana*, 344, *Cancioneiro Colocci Brancuti*, 742, in José Joaquim NUNES, *Cantigas d’Amigo dos Trovadores Galego-Portugueses*, II, CLXXVII, p. 160.

com o verso “Levad’, amigo, que dormides as manhãs frias”. Nela a amiga exorta o amado a que se levante do leito, o que pode ser também um convite ao despertar da consciência, numa composição em que em todas as estrofes afirma a sua alegria (“leda m’ and’eu”), apesar de ir narrando um acontecimento infeliz, o que confere uma estranha e enigmática beleza ao conjunto, impregnado de uma atmosfera saudosa sem que a saudade nele seja nomeada. O que se destaca como singular nesta cantiga é que o seu centro não é o amor entre o amigo e a amiga, como em todas estas composições, mas a participação dos seres não-humanos nele, neste caso as aves (também presentes noutras cantigas), e sobretudo as consequências fastas e nefastas sobre elas e o mundo natural das vicissitudes da relação amorosa inter-humana. Com efeito, repete-se nas primeiras quatro estrofes que “todalas aves do mundo” falavam do amor e o “cantavam”, que “em ment’aviam” ou “enmentavam” o amor entre o casal humano, ou seja, que o consideravam, memoravam, pensavam e cuidavam, aparentemente num primeiro e feliz estado da relação amorosa, enquanto que nas últimas quatro estrofes uma possível ruptura, abandono ou traição do amigo tem como efeito tirar ou danar os “ramos” em que estavam ou “pousavam” e secar as “fontes” onde bebiam e se banhavam<sup>828</sup>.

A notável sugestão é que o amor não é aqui uma mera experiência psicológica e afectiva restrita ao ser humano, mas o próprio fundo e fundamento ontocosmológico do mundo e dos viventes humanos e não-humanos, como uma energia que por todos circula e a todos vincula, que todos comungam, expressam e celebram numa atmosfera de alegria, mas na qual, e por isso mesmo, uma cisão num dos lugares onde mais intensamente se manifesta, neste caso o casal humano, afecta radicalmente o próprio fundo e fonte da vida dos viventes, como que arrastando-os na mesma cisão que no elo humano da cadeia ou do fluxo amoroso se origina. A composição, se lida no respeito pela sua letra, sem as redutoras hermenêuticas modernas que tendem a restringir a figuras de retórica tudo o que seja estranho à concepção antropocêntrica do pensar – António José Saraiva argutamente nota que “as figuras de retórica são por vezes conchas vazias que outrora foram habitadas”<sup>829</sup> - , mostra-nos um mundo onde a consciência, a vida subjectiva e os afectos não se reduzem à humanidade, mas são comuns aos animais não-humanos, e onde a energia amorosa surge como um vínculo cósmico e ecológico que permeia e une não só todos os viventes, mas

---

<sup>828</sup> Cf. Nuno Fernandes TORNEOL, *Cancioneiro da Vaticana*, 242, *Cancioneiro Colocci Brancuti*, 641, in José Joaquim NUNES, *Cantigas d’Amigo dos Trovadores Galego-Portugueses*, II, LXXV, pp. 71-72.

<sup>829</sup> Cf. António José SARAIVA, *A Cultura em Portugal. Teoria e História, II. Primeira Época: A Formação*, Amadora, Livraria Bertrand, 1984, p. 196.

ainda tudo o que existe, dissipando a distinção entre animado e inanimado<sup>830</sup>. Esta cantiga é talvez o mais notável exemplo do arcaísmo animista ou panpsiquista já notado noutras composições deste género<sup>831</sup> e que nos parece ser uma chave para compreender o seu estranho encanto. A composição convoca-nos ainda a redimensionar o sentido habitualmente conferido à lírica, como mera expressão de sentimentos subjectivos humanos, pois aqui o amor surge como um sentimento cósmico, partilhado por seres não-humanos e inseparável da vida do mundo, do qual se sugere ser a própria alma. O amor pode mesmo ser a divina alma do mundo, o que permitiria compreender a tendência para a absolutização e divinização do seu objecto, como vimos acontecer com a mulher, na perspectiva do trovador. Que o Amor possa ser a própria divindade onipotente e absorvente da vida, invisível mas passível de se revelar no afecto da amiga, sugere-o aliás outra cantiga do mesmo autor, que assim termina: “E pois Amor á sobre mi / de me matar tan gran poder, / e eu non o posso veer, / rogarei mia senhor assi / que mi-amostr’e aquel matador, / ou que m’ampare d’el melhor”<sup>832</sup>.

A cantiga “Levad’, amigo, que dormides as manhãs frias” permite ler a outra luz, que não a da redutora hermenêutica de meras figuras de estilo, um dos factores de maior singularidade do cancionero galaico-português, que, segundo Eduardo Lourenço, se junta ao facto do trovador se expressar em voz feminina: a animação, “intimidade” e “mediação da Natureza” na expressão do amor, pois a amiga interpela os entes naturais, perguntando-lhes pelo seu amigo<sup>833</sup> e obtém deles respostas, como acontece na cantiga de Dom Dinis onde pergunta por “novas” do amigo às “flores do verde pino” e delas recebe a notícia de que ele é “sã’ e vivo” e com ela estará antes do tempo combinado<sup>834</sup>. Numa outra cantiga o vento e o ribeiro são íntimos cúmplices do erotismo da cena<sup>835</sup>, à qual se segue uma composição em que se insta a que o amigo contemple a “frol do

---

<sup>830</sup> Cf. Paulo BORGES, “«Levad’, amigo, que dormides as manhãs frias» ou a religião do amor”, in *Pensamento Atlântico. Estudos e ensaios de pensamento luso-brasileiro*, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2002, pp. 13-17.

<sup>831</sup> Cf. Stephen RECKERT in Stephen RECKERT e Hélder MACEDO, *Do Cancioneiro de Amigo*, pp. 9 e 14. Não concordamos, todavia, por motivo da própria unidade do amor que parece permear todas as coisas na cantiga de Nuno Fernandes Torneol, com a tese de Stephen Reckert acerca do dualismo da cantiga de amigo e da sociedade que a gerou – cf. *Ibid.*, p. 9.

<sup>832</sup> Cf. Nuno Fernandez (TORNEOL?), in *Lírica Profana Galego-Portuguesa*, coordenado por Mercedes Brea, vol.II, 106, 14, Santiago de Compostela, Centro de Investigacións Lingüísticas e Literarias Ramón Piñeiro / Xunta de Galicia, 1996, pp. 659-660.

<sup>833</sup> Cf. Eduardo LOURENÇO, “De la Poésie Portugaise”, in *Obras Completas. III – Tempo e Poesia*, p. 677.

<sup>834</sup> Cf. Dom DINIS, *Cancioneiro da Vaticana*, 171, *Cancioneiro Colocci Brancuti*, 568, in José Joaquim NUNES, *Cantigas d’Amigo dos Trovadores Galego-Portugueses*, II, XIX, pp. 19-20.

<sup>835</sup> Cf. Dom DINIS, *Cancioneiro da Vaticana*, 172, *Cancioneiro Colocci Brancuti*, 569, in José Joaquim NUNES, *Cantigas d’Amigo dos Trovadores Galego-Portugueses*, II, XX, pp. 20-21.

pinho” e do “ramo” e se apresse a vir ter com a amiga. Já noutras de Nuno Fernandes Torneol os mediadores do drama amoroso são o avelanal<sup>836</sup> ou as barcas no mar<sup>837</sup>. Poderíamos referir muitas mais. Rodrigues Lapa, que considera que a poesia lírica galaico-portuguesa constitui o “tipo primitivo”, mais antigo e original, do “lirismo europeu ocidental”<sup>838</sup>, destaca como suas características, a par da centralidade da mulher e dos “arcaísmos de linguagem”, os temas, muito mais acentuados do que na poesia francesa, do “culto das árvores, dos animais e das fontes, nas suas várias modalidades” e num enlace com a “situação sentimental” que confere “por vezes à cantiga um ar de inefável mistério”<sup>839</sup>. Cremos que este mistério resulta da profunda interpenetração entre sentimento amoroso e sentimento de uma natureza envolvente e viva que comunga da relação entre o casal humano, numa atmosfera animista ou pansiquista, porventura também panteísta, que se tornou sobremodo estranha à mentalidade moderna. A este respeito, recorde-se a caracterização que António José Saraiva faz dos cantares de amigo, enquanto “poesia indígena” do Noroeste peninsular que, no seu arcaísmo, diz serem criação espontânea e colectiva do “povo-oceano” que expressa “o amor entre homem e mulher” na “alegria da chegada” e no “tormento da ausência”, num “ritmo de sístole e diástole” que é simultaneamente o do coração, o da dança de roda e o da natureza ou do cosmos. O amor que expressam é assim fortemente comunitário, mas “também intensamente cósmico”, sendo “tema de romaria e bailados (...) frequentemente associado ao arvoredado e à água das fontes, do mar ou dos rios”<sup>840</sup>. Também Agostinho da Silva, falando do “tão mal conhecido” “substrato de inquietação religiosa” que a seu ver é o contexto da irrupção no século XIII do culto popular do Espírito Santo, já advertira que ele nasce “das raízes do priscilianismo” e está “na *Demanda do Graal* ou na poesia dos *Cancioneiros*”, vendo-o como “um anseio de fusão com a natureza, de reconciliação com a planta e o animal”, que “se sobrepõe a critérios religiosos que sancionam afinal um estado de ex-comunhão”<sup>841</sup>.

---

<sup>836</sup> Cf. Nuno Fernandes TORNEOL, *Cancioneiro da Vaticana*, 245 *Cancioneiro Colocci Brancuti*, 644, in José Joaquim NUNES, *Cantigas d'Amigo dos Trovadores Galego-Portugueses*, II, LXVIII, pp. 73-74.

<sup>837</sup> Cf. Nuno Fernandes TORNEOL, *Cancioneiro da Vaticana*, 246, *Cancioneiro Colocci Brancuti*, 645, in José Joaquim NUNES, *Cantigas d'Amigo dos Trovadores Galego-Portugueses*, II, LXIX, pp. 74-75.

<sup>838</sup> Cf. Rodrigues LAPA, *Das Origens da Poesia Lírica em Portugal na Idade-Média*, pp. 10-11.

<sup>839</sup> Cf. *Id.*, *Lições de Literatura Portuguesa. Época Medieval*, pp. 112-115.

<sup>840</sup> Cf. António José SARAIVA, *A Cultura em Portugal. Teoria e História, II. Primeira Época: A Formação*, Amadora, Bertrand, 1984, pp. 182-185 e 188-189.

<sup>841</sup> Cf. Agostinho da SILVA, “Algumas considerações sobre o culto popular do Espírito Santo”, in *Ensaio sobre Cultura e Literatura Portuguesa e Brasileira*, I, introdução e organização de Paulo Borges, Lisboa, Âncora Editora, 2000, p. 325.

A matriz mais original da cultura galaico-portuguesa, e do próprio lirismo europeu, seria assim a experiência do amor humano como inserido num amor mais vasto, de dimensão cósmica, enquanto vínculo unitivo de todos os seres e coisas. A experiência da coita amorosa, do morrer de amor e da saudade, provocada pela separação entre os amantes, inserir-se-ia assim, como mostra Carolina Michaëlis de Vasconcelos, numa atmosfera original de celebração da unidade amorosa da vida e do mundo, patente na cultura popular tradicional e pré-cristã, sobretudo de base rural, resistente ao combate que lhe foi movido pelo cristianismo institucional e urbano que a qualificou negativamente como pagã. A visão de Santo Agostinho das danças circulares femininas, as coreias, que reaparecem na camoniana Ilha dos Amores<sup>842</sup>, como “círculo em cujo centro está o diabo”<sup>843</sup>, dá o mote para a contínua mas pouco eficaz condenação eclesiástica da festiva ebulição das danças e cantos populares no território galaico-português, onde se destaca a presença feminina, os motivos diversamente eróticos e os elementos cósmicos (auroras, aves, cervos, rios, oceano, lagos, ribeiras, prados, bosques, árvores, ramos, flores, fontes)<sup>844</sup>. É nesta matriz cultural que um hino priscilianista, atribuído a Argírio e também referido por Santo Agostinho, coloca na boca do próprio Jesus Cristo as palavras “Cantare volo, saltate cuncti” (“Quero cantar, dançai/saltai/bailai todos”)<sup>845</sup>.

Esta vertente dos Cancioneiros medievais galaico-portugueses coloca-os em implícito diálogo com as tradições e ritos arcaicos em que o erotismo e a sexualidade humanos propiciam a fertilidade do mundo natural<sup>846</sup>, bem como com tradições, como a Cabala hebraica, onde o modo como o amor e a sexualidade humanos são vividos assume uma central influência teúrgica sobre a manifestação da presença divina no mundo<sup>847</sup>. A mesma vertente, pela sua animação erótica do cosmos e dos

---

<sup>842</sup> Cf. Luís de CAMÕES, *Os Lusíadas*, IX, 22, in *Obras*, edição completa com as mais notáveis variantes, Porto, Lello & Irmão – Editores, s. d., p. 1343.

<sup>843</sup> Santo AGOSTINHO, Sermão 8, citado em Carolina Michaëlis de VASCONCELOS, *Cancioneiro da Ajuda*, II, p. 838.

<sup>844</sup> Cf. Carolina Michaëlis de VASCONCELOS, *Cancioneiro da Ajuda*, II, pp.836-940. Para os elementos cósmicos, cf. *Ibid.*, pp. 892-893.

<sup>845</sup> Cf. Marcelino Menéndez PELAYO, *Historia de los Heterodoxos Españoles*, I, Madrid, BAC, 1986, 4ª edição, p. 160.

<sup>846</sup> Cf. Pierre GORDON, *L'Initiation Sexuelle et l'Évolution Religieuse*, Paris, PUF, 1946; Walter SCHUBART, *Eros e Religião*, tradução de Luiz Eduardo Brandão, Rio de Janeiro, Editora Artenova, 1975; Julius EVOLA, *A Metafísica do Sexo*, s. l., Fernando Ribeiro de Mello - Edições Afrodite, 1976; Mircea ELIADE, *Tratado de História das Religiões*, prefácio de Georges Dumézil, tradução de Natália Nunes e Fernando Tomaz, Lisboa, Edições Cosmos, 1977, pp. 395-427; Georg FEUERSTEIN, *Sacred Sexuality. The erotic spirit in the world's great religions*, Vermont, Inner Traditions, 2003.

<sup>847</sup> Cf. *Lettre sur la Sainteté. Le secret de la relation entre l'homme et la femme dans la cabale*, estudo preliminar, tradução do hebreu e comentários por Charles MOPSIK, seguido de Moché IDEL, “Metáphores et pratiques sexuelles

seres não-humanos, dissipando o dualismo entre animado e inanimado, antecipa o ressurgimento animista e panpsiquista no pensamento português contemporâneo – Antero de Quental, Sampaio Bruno, Guerra Junqueiro e Teixeira de Pascoaes –, bem como pronunciadas tendências do pensamento e da antropologia contemporâneos, que convergem para a superação do humanismo antropocêntrico<sup>848</sup>.

Creemos que este prévio desvelamento da dimensão mais ampla e profunda da fenomenologia da coita amorosa nos permite por sua vez entrever o sentido maior da saudade, que surge claramente na sua dependência. Se o amor humano nos Cancioneiros é por vezes vivido como contemplação de uma mulher absolutizada e divinizada ou enquanto comunhão na unidade e intimidade sensível e amorosa de tudo, é inevitável questionar se a saudade, enquanto sentimento do amor ferido pela ausência do seu objecto, não manifestará também, apesar da sua mais aparente expressão psicológica, uma mais profunda aspiração, muitas vezes subliminal e não plenamente consciente, a reintegrar a experiência humana nessa divina contemplação ou comunhão cósmica com a unidade e totalidade da vida e dos seres. Esta aspiração, porventura implícita na poesia dos Cancioneiros, progressivamente se revelará, ao longo da expressão poético-literária e tematização filosófica da saudade na cultura portuguesa, como uma das vertentes mais significativas da sua experiência e teorização, sempre afim ao movimento de descentramento do sujeito para um espaço mais amplo, profundo e rico de experiência. Eduardo Lourenço nota de forma perspicaz que “antes de ser pensada, a saudade foi cantada” e que, antes de se converter num mito por interpretar, “a saudade não foi senão a expressão de um transbordar de amor para com tudo o que merece ser amado: o

---

dans la cabale”, Lagrasse, Verdier, 1986; Moshe IDEL, *Cábala y Eros*, tradução do italiano (a partir da versão de Elisabetta Zevi) de Pablo García Acosta, Madrid, Ediciones Siruela, 2009.

<sup>848</sup> Cf. Robert LAWLOR, *Voices of the First Day. Awakening in the aboriginal dreamtime*, Vermont, Inner Traditions International, 1991; David ABRAM, *The Spell of the Sensuous. Perception and language in a more-than-human-world*, Nova Iorque, Vintage Books, 1997; *Id.*, *Becoming Animal. An earthly cosmology*, Nova Iorque, Vintage Books, 2011; Philippe DESCOLA, *Par-delà Nature et Culture*, Paris, Gallimard, 2005, pp. 229-253; Eduardo KOHN, *How Forests Think? Towards an Anthropology beyond the human*, University of California Press, 2013; Eduardo Viveiros de CASTRO, *Métaphysiques Cannibales. Lignes d’anthropologie post-structurale*, tradução de Oíara Bonilla, Paris, PUF, 2014, 4ª edição; *Id.*, *A Inconstância da Alma Selvagem e outros ensaios de antropologia*, São Paulo, Ubu Editora, 2017; AAVV, *The Handbook of Contemporary Animism*, editado por Graham Harvey, Nova Iorque, Routledge, 2015; Davi KOPENAWA e Bruce ALBERT, *A Queda do Céu. Palavras de um xamã yanomani*, tradução de Beatriz Perrone-Moisés, prefácio de Eduardo Viveiros de Castro, São Paulo, Companhia das Letras, 2015; Graham HARVEY, *Animism. Respecting the living world*, Londres, Hurst & Company, 2017; Andreas WEBER, *Matter & Desire. An Erotic Ecology*, tradução de Rory Bradley, prefácio de John Elder, Vermont, Chelsea Green Publishing, 2017; Paulo BORGES, “Aquém-além do reino do humano. Entre-ser e ética sem centro”, in AAVV, *Aproximações Bioéticas*, edição de António Barbosa e Fernando Araújo, Lisboa, Centro de Bioética / Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, 2019, pp. 127-141; Mark I. WALLACE, *When God was a Bird. Christianity, animism and the re-enchantment of the world*, Nova Iorque, Fordham University Press, 2019.

amigo ausente, o cenário dos amores, a Natureza com a sua voz imemorial, o murmúrio das folhas ou das vagas do mar”<sup>849</sup>. Haveria assim, no seu “berço céltico” galaico-português, uma ingenuidade saudosa, ainda sem “nenhuma ressonância trágica”, procedente de uma osmose com o mundo natural que “parece modulada pelo ritmo universal do mar”, “música de fundo” exterior que se tornará “música da alma”, e que sugere a indistinção de tempo e eternidade<sup>850</sup>.

Seja como for, a par da saudade implícita no “gran cuidado” e “gran desejo” do amigo ausente, na cantiga do rei D. Sancho, o Velho<sup>851</sup>, com que abrimos este estudo, outras formas da mesma se divisam, como no morrer “d’amores” sempre que a amiga vê um objecto (uma “cinta”) que traz por amor do amigo e se recorda de com ele haver estado e conversado<sup>852</sup>. Se isto é fonte de padecimento, não menos o é de inspiração e engenho lírico-poético, como se expressa numa cantiga de Estevan Coelho: “Par Deus de Cruz, dona, sey eu que andades / d’amor muy coyitada que tan bem cantades / cantigas d’amigo”<sup>853</sup>. Todavia, antecipando o que veremos surgir como tensões internas ao sentimento saudoso, nomeadamente a possível negatividade psicológico-moral que D. Duarte nele advertirá, e como natural decorrência do amor dilacerado pela ausência, as primeiras ocorrências explícitas da saudade nos Cancioneiros não deixam de ser marcadas por uma tonalidade negativa, pesarosa e trágica, em que a saudade do amigo ausente impossibilita a vida (“Non poss’eu, meu amigo, / com vossa suidade / viver”; “Non poss’u vos não vejo / viver”<sup>854</sup>) e em que a recusa do amor converte a pulsão erótica da vida numa pulsão de morte, fazendo da saudade uma potência letal ou de mortificação (“Non queredes viver migo / e moiro eu com soidade”<sup>855</sup>). Cabe aqui notar, todavia, que a vida que assim se impossibilita ou mortifica é a vida convencional, a vida satisfeita e autocentrada a que aspiram em geral os humanos, e não necessariamente toda a vida, pois a coita amorosa e saudosa tem precisamente o poder de romper esse autocentramento convertendo o viver num dinamismo aberto à alteridade, ao invisível e à

---

<sup>849</sup> Eduardo LOURENÇO, *Mythologie de la Saudade. Essais sur la mélancolie portugaise*, p. 16.

<sup>850</sup> Cf. *Ibid.*, pp. 16-17.

<sup>851</sup> D. SANCHÓ, O VELHO, *Cancioneiro Colocci Brancuti*, nº456, citado in *Ibid.*, p. 54. Cf. também *Cancioneiro da Ajuda*, edição de Carolina Michaëlis de Vasconcelos, II, reimpressão da edição de Halle (1904), acrescentada de um prefácio de Ivo Castro e do glossário das cantigas (*Revista Lusitana*, XXIII), Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1990, pp. 593-594.

<sup>852</sup> Cf. Dom DINIS, *Cancioneiro da Vaticana*, 170, *Cancioneiro Colocci Brancuti*, 567, in José Joaquim NUNES, *Cantigas d’Amigo dos Trovadores Galego-Portugueses*, II, XVI, pp. 16-17.

<sup>853</sup> Estevan COELHO, citado em Celso CUNHA, *Cancioneiro dos Trovadores do Mar*, p. 264.

<sup>854</sup> Dom DINIS, *Cancioneiro da Vaticana*, 181, *Cancioneiro Colocci Brancuti*, 578, in José Joaquim NUNES, *Cantigas d’Amigo dos Trovadores Galego-Portugueses*, II, XXIX, p. 30.

<sup>855</sup> D. Fernan Fernandez COGOMINHO, in *Ibid.*, CXXXIV, p. 122.



ausência, com toda a dor e dilaceramento que isso implica, sobretudo para a consciência previamente enclausurada nos círculos de busca de autossatisfação imediata do desejo. Seja como for, o poder desassosseicante da ausência do ser amado e da saudade que provoca tanto mais avulta quanto, como vimos, várias cantigas d'amigo exaltam a bondade do amor humano, sensual e sexual, como na composição de Joan de Guilhade onde esse amor, com o prazer ("lezer") que lhe é inerente, constitui a razão central do mundo terreno e sensível ser a melhor das coisas e benefícios por Deus concedidos, sendo nesse sentido mais desejável do que o próprio "paraíso"<sup>856</sup>. O mesmo se diga da cantiga de Nuno Fernandes Torneol que vimos inscrever o amor humano numa dimensão cósmico-ontológica ou mesmo divina da qual constitui um centro vital, sendo celebrado por "todalas aves do mundo", que sofrem também os efeitos da cisão entre os amantes ("Vós lhi tolhestes os ramos en que siian / e lhis secastes as fontes en que bevian")<sup>857</sup>. Recordando tudo o que referimos a propósito da inserção da experiência amorosa numa esfera divina e cósmico-vital, notamos que este vínculo da saudade nos *Cancioneiros* à ferida do impulso erótico, incarnado e sensorial da vida, pela distância entre os amantes, mostra a sua irrupção medieval muito distante do (neo)platonismo que desloca o amor, e com ele a saudade, para a esfera metafísica e supra-sensível, como acontecerá no lirismo camoniano e na reflexão de D. Francisco Manuel de Melo, bem como, mais tarde, no visionarismo de Teixeira de Pascoaes.

Porventura após se perder a ingenuidade pré-trágica referida por Eduardo Lourenço <sup>858</sup>, a tónica pesarosa da saudade<sup>859</sup> predomina sobre outra, neutra, onde a "suidade" acompanha o amigo no seu distanciamento físico<sup>860</sup> e ainda sobre um outro efeito, mais benigno, em que a "gran soidade" leva por exemplo a que a amiga perdoe as ofensas amorosas do amigo, caso ele regresse brevemente para ela<sup>861</sup>, no quadro do excesso do amor sobre a mera justiça.

Creemos todavia que a maior fecundidade do tema da saudade, em termos da experiência humana e da sua compreensão filosófica, reside ainda na saudade implícita na composição do rei D.

---

<sup>856</sup> Cf. Joan de GUILHADE, in *Cancioneiro da Vaticana*, 345, *Cancioneiro Colocci Brancuti*, 743, in José Joaquim NUNES, *Cantigas d'Amigo dos Trovadores Galego-Portugueses*, II, CLXXVIII, p. 161.

<sup>857</sup> Cf. Nuno Fernandes TORNEOL, *Cancioneiro da Vaticana*, 242, *Cancioneiro Colocci Brancuti*, 641, in José Joaquim NUNES, *Cantigas d'Amigo dos Trovadores Galego-Portugueses*, II, LXXV, pp. 71-72.

<sup>858</sup> Cf. Eduardo LOURENÇO, *Mythologie de la Saudade. Essais sur la mélancolie portugaise*, p. 16-17.

<sup>859</sup> Para uma perspectiva crítica da saudade como "peso", "pesãme" e possível "pesadelo", cf. José BARATA-MOURA, "Peso, Pesãme, Pesadelo - para um Sopesamento (não saudosista) da Saudade", *Estudos de Filosofia Portuguesa*, Lisboa, Caminho, 1998, pp. 195-221.

<sup>860</sup> "alá vai, madre, ond'ei suidade" – Joan ZORRO, in *Cantigas de Amigo dos Trovadores Galego-Portugueses*, CCCLXXXVII, p. 352.

<sup>861</sup> Cf. Sancho SANCHEZ, in *Cantigas de Amigo dos Trovadores Galego-Portugueses*, CCLXXVII, p.252.

Sancho. Sendo inerente ao “gran cuidado” e ao “gran desejo” do amigo ausente e distante<sup>862</sup>, mostra um exercício do pensar (“cuidado” vem de *cogitatu*, do verbo *cogitare*, que significa “pensar” e “meditar”) que é tudo menos um exercício distanciado do intelecto, sendo antes o de uma intensa atenção amorosa e desejosa. Esta forma de pensar no ser amado condiz com o sentido antigo do verbo português *pensar*, ainda hoje preservado no interior de Portugal, que, para além das operações cognitivas do raciocinar, cogitar e reflectir, está associado ao cuidado amoroso e terapêutico, como no acto de limpar, alimentar e vestir uma criança, aplicar um curativo (“penso”) a uma ferida e dar penso ou ração aos animais<sup>863</sup>. Isto fica evidente numa cantiga onde se diz que o “amigo” “irá morrer al mar / [...] / se eu d’el non pensar”<sup>864</sup>.

O pensar saudoso no amado distante é vivido como uma dolorosa exaltação (a “coita”) do cuidar (“como vivo / en gran cuidado”) proporcional à distância e incerteza do reencontro do sujeito que é o seu objecto<sup>865</sup>. José Enes enfatizou bem este sentido amoroso, cordial e comovido do pensar enquanto cuidado essencial<sup>866</sup>, que não deixa de recordar a *Sorge* heideggeriana<sup>867</sup> e se destaca da

---

<sup>862</sup> Cf. D. SANCHO, O VELHO, *Cancioneiro Colocci Brancuti*, nº 456, citado in Carolina Michaëlis de VASCONCELOS, *A Saudade Portuguesa*, p.54. Cf. também *Cancioneiro da Ajuda*, II, pp. 593-594.

<sup>863</sup> Já em francês o sentido dos verbos “panser” e “penser”, inicialmente o mesmo, separou-se no século XVI: “Bem pensar é cuidar de si, aplicar-se o melhor possível por uma higiene do espírito: «panser» e «penser» formavam um único verbo até ao século XVI” – Odon VALLET, *Petit lexique des mots essentiels*, Paris, Albin Michel, 2007, p. 187 (tradução nossa).

<sup>864</sup> Pero MEOGO, in *Cantigas de Amigo dos Trovadores Galego-Portugueses*, CCCCXIII, edição crítica acompanhada de introdução, comentário, variantes e glossário por José Joaquim Nunes, vol. II (Texto), Lisboa, Centro do Livro Brasileiro, 1973, p. 374.

<sup>865</sup> Cf. José ENES, *Linguagem e Ser*, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1983, pp. 145-148.

<sup>866</sup> “Com efeito, o pensar do *cogito* entrou em português pelo *cuidar do cuidado*. [...]

*Pesar mi fez meu amigo,  
amiga, mais sei eu que non  
cuidou el no seu coração  
de mi pesar, ca vos digo  
que ant’el queria morrer  
ca mi sol um pesar fazer.*

*Cuidar* é antes de mais cuidar em *não fazer pesar*. Se o pensamento cuida, cuida para tirar o pesar daquele de quem cuida. Mas se tal acontece, é porque na origem do cuidar se compadece o amor.

*Cuidar* e *cuidado* viriam necessariamente em português a ser a fala mais própria da paixão amorosa. Neles se move, se estrutura e se expressa.

Ora, precisamente, porque o pensar, que pensa o ser, não é o *cogito* especulativo da razão filosófica, mas um *cuidar no seu coração*, o comover-se, que os vira um para o outro, vem do ímpeto do amor e tem os traços dinâmicos da paixão amorosa. Sendo um estatuto coabitacional do pensar e do ser, esta paixão retém em estado latente as forças emocionais prontas a desencadear-se quando o homem é tocado pela maravilha do ser”. José ENES, *Ibid.*, pp. 149-150.

<sup>867</sup> Cf. Martin HEIDEGGER, *Sein und Zeit* (1927), *Gesamtausgabe*, 2, edição de Vittorio Klostermann, Frankfurt am Main, 1977, p. 193. Cf. também Leonardo BOFF, *Saber cuidar. Ética do humano – compaixão pela terra*, Petrópolis, Editora Vozes, 2011, 17ª edição.

etimologia latina que o relaciona com as actividades mensurativas e mercantis do *pendere* e do *pensare*, do “*pesar*” e do “*apreçar*”<sup>868</sup>.

O pensar saudoso é assim um pensar amoroso que, vivendo a dor e o mal da separação e da ausência, aspira a rever a amada ou o amado e porventura a reviver com ela ou ele o prazer e o bem da abertura e comunhão divino-cósmica da experiência e da consciência que vimos surgir em aspectos centrais da fenomenologia do amor trovadoresco. O pensamento e desejo saudosos, aspirando à união com a amada ou o amado, podem implícita e subliminalmente aspirar nisso à experiência da totalidade divino-cósmica a que por vezes aponta o erotismo dos Cancioneiros. Que isso se processe essencialmente pelo contacto visual – recorde-se o “*catar*”, o procurar com os olhos os olhos da amada <sup>869</sup> –, abre um horizonte que será continuado e aprofundado por Luís de Camões e que estabelece profundos diálogos implícitos com múltiplas tradições do erotismo espiritual e místico, desde Platão<sup>870</sup> aos Tantras hindus e budistas indianos.

### Referências bibliográficas

AAVV, *The Handbook of Contemporary Animism*, editado por Graham Harvey, Nova Iorque, Routledge, 2015.

David ABRAM, *The Spell of the Sensuous. Perception and language in a more-than-human-world*, Nova Iorque, Vintage Books, 1997.

- , *Becoming Animal. An earthly cosmology*, Nova Iorque, Vintage Books, 2011.

ANDRÉ LE CHAPELAIN, *Traité de L'Amour Courtois*, introdução, tradução e notas de Claude Buridant, Paris, Éditions Klincksieck, 1974.

*Bíblia*, volume 1. *Novo Testamento. Os Quatro Evangelhos*, tradução do grego, apresentação e notas de Frederico Lourenço, Lisboa, Quetzal, 2018, 2ª edição.

Leonardo BOFF, *Saber cuidar. Ética do humano – compaixão pela terra*, Petrópolis, Editora Vozes, 2011, 17ª edição.

Paulo BORGES, *Pensamento Atlântico. Estudos e ensaios de pensamento luso-brasileiro*, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2002.

- , *Meditação, a Liberdade Silenciosa. Da mindfulness ao despertar da consciência*, Lisboa, Edições Mahatma, 2017.

---

<sup>868</sup> “Ora, não foi, por acaso, nem sem uma determinação destinal da história, que o pensamento românico, ao libertar-se linguisticamente do latim, escolheu para expressar-se a palavra *pensar*, com toda a carga da metáfora que o trouxe de *pendere* e de *pensare*.”

*Pensar é pesar*. É verificar o peso e no peso o valor e no valor o preço: *calcular*, *avaliar* e *apreçar*. Daí, a *estimação de apreciar*” - José ENES, *Linguagem e Ser*, p. 141. Cf. também Paulo BORGES, *Meditação, a Liberdade Silenciosa. Da mindfulness ao despertar da consciência*, Lisboa, Edições Mahatma, 2017, pp. 65-69.

<sup>869</sup> Cf. Dom DINIS, *Cancioneiro da Vaticana*, 175, *Cancioneiro Colocci Brancuti*, 571, in José Joaquim NUNES, *Cantigas d'Amigo dos Trovadores Galego-Portugueses*, II, XXIII, p. 24.

<sup>870</sup> Em Platão é através dos olhos dos amantes que flui e reflui a emanção da Beleza divina – Cf. PLATÃO, *Fedro*, 251 b e 255 c.

- , “Aquém-além do reino do humano. Entre-ser e ética sem centro”, in AAVV, *Aproximações Bioéticas*, edição de António Barbosa e Fernando Araújo, Lisboa, Centro de Bioética / Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, 2019, pp.127-141.

Mercedes BREA (coordenação), *Lírica Profana Galego-Portuguesa*, II, Santiago de Compostela, Centro de Investigações Lingüísticas e Literarias Ramón Piñeiro / Xunta de Galicia, 1996.

Luís de CAMÕES, *Obras*, edição completa com as mais notáveis variantes, Porto, Lello & Irmão – Editores, s. d.

Eduardo Viveiros de CASTRO, *Métaphysiques Cannibales. Lignes d’anthropologie post-structurale*, tradução de Oiara Bonilla, Paris, PUF, 2014, 4ª edição.

- , *Id.*, *A Inconstância da Alma Selvagem e outros ensaios de antropologia*, São Paulo, Ubu Editora, 2017.

Celso CUNHA, *Cancioneiro dos Trovadores do Mar*, edição preparada por Elsa Gonçalves, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1999.

Philippe DESCOLA, *Par-delà Nature et Culture*, Paris, Gallimard, 2005.

Mircea ELIADE, *Tratado de História das Religiões*, prefácio de Georges Dumézil, tradução de Natália Nunes e Fernando Tomaz, Lisboa, Edições Cosmos, 1977.

José ENES, *Linguagem e Ser*, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1983.

Julius EVOLA, *A Metafísica do Sexo*, s. l., Fernando Ribeiro de Mello - Edições Afrodite, 1976.

Georg FEUERSTEIN, *Sacred Sexuality. The erotic spirit in the world’s great religions*, Vermont, Inner Traditions, 2003.

Pierre GORDON, *L’Initiation Sexuelle et l’Évolution Religieuse*, Paris, PUF, 1946.

Byung-Chul HAN, *A Agonia de Eros*, tradução de Miguel Serras Pereira, Lisboa, Relógio D’Água, 2014.

- , *La Expulsión de lo Distinto*, tradução de Alberto Ciria, Barcelona, Herder, 2017.

Graham HARVEY, *Animism. Respecting the living world*, Londres, Hurst & Company, 2017.

Martin HEIDEGGER, *Sein und Zeit* (1927), *Gesamtausgabe*, 2ª edição de Vittorio Klostermann, Frankfurt am Main, 1977.

Moshe IDEL, *Cábala y Eros*, tradução do italiano (a partir da versão de Elisabetta Zevi) de Pablo García Acosta, Madrid, Ediciones Siruela, 2009.

Eduardo KOHN, *How Forests Think? Towards an Anthropology beyond the human*, University of California Press, 2013.

Davi KOPENAWA e Bruce ALBERT, *A Queda do Céu. Palavras de um xamã yanomani*, tradução de Beatriz Perrone-Moisés, prefácio de Eduardo Viveiros de Castro, São Paulo, Companhia das Letras, 2015.

Rodrigues LAPA, *Das Origens da Poesia Lírica em Portugal na Idade-Média*, Lisboa, Edição do Autor, 1929.

- , *Lições de Literatura Portuguesa. Época Medieval*, Coimbra, Coimbra Editora, 1977, 9ª edição, revista e acrescentada.

Robert LAWLOR, *Voices of the First Day. Awakening in the aboriginal dreamtime*, Vermont, Inner Traditions International, 1991.

*Lettre sur la Sainteté. Le secret de la relation entre l’homme et la femme dans la cabale*, estudo preliminar, tradução do hebreu e comentários por Charles MOPSIK, seguido de Moché IDEL, “*Metaphores et pratiques sexuelles dans la cabale*”, Lagrasse, Verdier, 1986.

Eduardo LOURENÇO, *Obras Completas. III – Tempo e Poesia*, coordenação e introdução de Carlos Mendes de Sousa, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2016.

- , *Mythologie de la Saudade. Essais sur la mélancolie portugaise*, tradução de Annie de Faria, Paris, Éditions Chandeigne, 2017.

Hélder MACEDO, Stephen RECKERT, *Do Cancioneiro de Amigo*, Lisboa, Assírio & Alvim, 1996, 3ª edição, corrigida e aumentada.

Jean MARKALE, *L'Amour Courtois ou le Couple Infernal*, Paris, Éditions Imago, 1987.

José BARATA-MOURA, *Estudos de Filosofia Portuguesa*, Lisboa, Caminho, 1998.

René NELLI, *L'Érotique des Troubadours*, Toulouse, Éditions Privat, 1997.

José Joaquim NUNES, *Cantigas d'Amigo dos Trovadores Galego-Portugueses*, II, edição crítica acompanhada de introdução, comentário, variantes, e glossário, Lisboa, Centro do Livro Brasileiro, 1973.

PLATÃO, *Fedro*.

Jacques ROUBAUD, *La Fleur Inverse. Essai sur l'art formel des troubadours*, Paris, Éditions Ramsay, 1986.

Denis de ROUGEMONT, *O Amor e o Ocidente*, Lisboa, Moraes Editores, 1968.

Octavio PAZ, *A Chama Dupla. Amor e Erotismo*, tradução de José Bento, Lisboa, Assírio & Alvim, 1995.

Marcelino Menéndez PELAYO, *Historia de los Heterodoxos Españoles*, I, Madrid, BAC, 1986, 4ª edição.

Fernando PESSOA, *Obras*, I, introduções, organização, bibliografia e notas de António Quadros e Dalila Pereira da Costa, Porto, Lello & Irmão – Editores, 1986.

António José SARAIVA, *A Cultura em Portugal. Teoria e História, II. Primeira Época: A Formação*, Amadora, Livraria Bertrand, 1984.

Walter SCHUBART, *Eros e Religião*, tradução de Luiz Eduardo Brandão, Rio de Janeiro, Editora Artenova, 1975.

Agostinho da SILVA, *Ensaio sobre Cultura e Literatura Portuguesa e Brasileira*, I, introdução e organização de Paulo Borges, Lisboa, Âncora Editora, 2000.

Odon VALLET, *Petit lexique des mots essentiels*, Paris, Albin Michel, 2007.

Mark I. WALLACE, *When God was a Bird. Christianity, animism and the re-enchantment of the world*, Nova Iorque, Fordham University Press, 2019.

Andreas WEBER, *Matter & Desire. An Erotic Ecology*, tradução de Rory Bradley, prefácio de John Elder, Vermont, Chelsea Green Publishing, 2017.

Carolina Michaëlis de VASCONCELOS (ed.), *Cancioneiro da Ajuda*, I e II, reimpressão da edição de Halle (1904), acrescentada de um prefácio de Ivo Castro e do glossário das cantigas (*Revista Lusitana*, XXIII), Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1990.

Carolina Michaëlis de VASCONCELOS, *A Saudade Portuguesa*, Aveiro, Livraria Estante Editora, 1990.